

APRENDENDO A SER E A CONVIVER

VANDRIELE BRUNE¹; ADRIELE DE ÁVILA SOARES², ADRIANE LEITES STROTHMANN³; ISADORA MOREIRA DA LUZ REAL⁴; VERÔNICA PORTO GAYER⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas – vandrielebrune@yahoo.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas - adrieleavilas02@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – adriane.str19@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – isadora.real18@hotmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – veve_artes@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Crescemos sendo ensinados que “homens são assim e mulheres são assado”, porque “é da sua natureza”, e costumamos realmente observar isso na sociedade (JESUS, 2012).

Na atualidade, os assuntos envolvendo a sexualidade e gênero são abordados com frequência pelos meios de comunicação, sendo presentes nas novelas, noticiários, filmes e redes sociais. No entanto, nota-se muitas vezes uma fragilidade em suas definições e conceptualizações. O destaque para a discussão da sexualidade ultrapassa os discursos morais e religiosos, sendo pautado no eixo dos direitos das reivindicações de movimentos sociais, principalmente os movimentos LGBTs e feministas, que, por sua vez, são amparados pelas organizações não governamentais, fundações e agências de fomento. (Pereira, 2015).

Já no contexto escolar, a Educação Sexual vem se apresentando como uma intervenção necessária, uma vez que contribui para a construção da personalidade dos indivíduos e oportuniza questionamentos, reflexões e discussões que resgatam a marca humana da sexualidade: amor, afeto, qualidade nas relações sexuais e sociais (Gagliotto, 2011). Portanto, a realidade escolar tem demonstrado fragilidades ao abordar o assunto na escola, sendo pautado basicamente com enfoque biológico, desconsiderando o envolvimento social, psicológico, entre outros. No entanto, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1997), a educação sexual passa a ser respaldada em uma perspectiva de cidadania, que busca a promoção da autonomia e considera os direitos sexuais dos adolescentes (Barreiro; Teixeira-Filho; Vieira, 2006). Assim, ressalta-se que os modelos de práticas de educação sexual sofreram mudanças significativas ao longo dos tempos. Já na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a sexualidade é tratada mais como uma forma de mudança de corpo do homem e da mulher e o autocuidado, não enfatizando a parte social e as diferenças na identidade e orientação sexual.

Trabalhar com educação sexual requer não apenas domínio do conhecimento biológico, mas reflexões sobre a vida e o ambiente em que vive o sujeito, buscando novos conhecimentos, fundamentados por processos singulares que são criativos, que possibilitem uma educação em sexualidade que o prepare para seu viver no cotidiano (MACHADO, 2007). Pesquisadores do campo da educação sexual têm mostrado a relevância de práticas educativas, como diálogo,

troca de experiências e informações, serem mais amplas e abordarem as dimensões subjetivas, sociais e culturais da sexualidade, para além dos aspectos biológicos desse fenômeno (Altmann, 2013; Castro; Abramoway; Silva, 2004; Furlani, 2003; Quirino; Rocha, 2012). Com isso, o objetivo desse trabalho foi abordar gênero e sexualidade de forma que integre os conceitos biológicos, históricos, sociais e culturais para alunos do ensino médio de forma dinâmica, através do desenvolvimento de um projeto de ensino intitulado Aprendendo a ser e a conviver.

2. METODOLOGIA

O trabalho apresenta uma abordagem predominantemente qualitativa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Analisando todo o contexto social e histórico da sexualidade, este projeto visa uma intervenção diferente relacionada à educação sexual dos alunos do ensino médio, sendo de extrema importância os conhecimentos sobre as infecções sexualmente transmissíveis, orientação sexual, gênero e sexualidade.

O projeto foi aplicado em uma escola estadual, localizada no sul do Rio Grande do Sul, com alunos do terceiro ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Inicialmente, foi realizada uma observação a fim de conhecer a turma de aplicação. Foram necessários quatro encontros para a execução do projeto, com diferentes atividades.

O primeiro encontro ocorreu em sala de aula, onde foi utilizado o quadro branco para a explicação da formação biológica da sexualidade e desconstrução de conceitos de senso comum.

O segundo encontro novamente realizou-se em sala de aula, mas com o uso do recurso multimídia, em que músicas machistas, com linguagem imprópria, incitando a violência e a cultura do estupro foram escutadas, lidas e (re)pensadas. Ao final deste, os alunos confeccionaram cartazes reflexivos para serem expostos no educandário.

O terceiro encontro aconteceu no auditório da escola, e com o auxílio de recurso multimídia, foram abordadas algumas infecções sexualmente transmissíveis, analisados gráficos com índice de pessoas portadoras dessas doenças na cidade local e discutidos métodos contraceptivos.

Já no quarto encontro, também no auditório, foram convidadas duas pessoas transexuais para uma roda de conversa, onde compartilharam seus processos de transição com os alunos. Ao fim do último encontro, foi realizado um questionário avaliativo relacionado aos assuntos abordados e relevância do projeto para os discentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das rodas de conversas realizada, iniciou-se a desmistificação de terminologias errôneas e preconceituosas, no primeiro encontro, procurando sempre o diálogo e o debate com os alunos. A partir disso, foi notado que os mesmos não sabiam da diferenciação entre as terminologias “cis”, “trans”, “travesti” e “drag queen” e principalmente a confusão entre identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero. Este fato demonstra como há uma carência no ensino da educação sexual, mesmo em seu histórico ser abordado pelo Plano Nacional da Cultura. Isso porque muitas vezes as escolas evitam

de tocar no assunto por questões conservadoras ou pelo simples medo de falar sobre um tabu e ter um *feedback* negativo de pais e alunos.

No segundo encontro, observou-se que os alunos, ao ouvirem músicas de caráter machistas, perceberam que esta temática não está apenas presente no funk, onde há muitas músicas com conotação sexual, mas sim em todos os gêneros musicais, inclusive no MPB. Boa parte dos alunos relataram que escutam as músicas mais pelo seu ritmo e melodia, não prestando atenção na letra e no significado que ela tem. Com isso, foi gerado um debate de como essas letras retratam uma realidade dentro de nossa sociedade e de como isso nos afeta.

Mesmo a escola abordando assuntos com tais temas, é sempre de maneira muito técnica e científica, geralmente voltado para concepção biológica, distante conhecimento cotidianos, resultando na ideia de que infecções sexualmente transmissíveis e problemas relacionados à sexualidade nunca irão acontecer com eles. Eis um ponto em que o trabalho conseguiu alcançar com sucesso no terceiro encontro, pois estabeleceu-se uma relação de diálogo com os alunos, notando-se assim, as inúmeras dúvidas relacionadas ao assunto e de que como é frequente os discursos preconceituosos em diversos meios de comunicação que antes passavam despercebidas. Durante todos os encontros, os alunos demonstraram interesse sobre a temática e sua atenção era total voltada à aula, principalmente pelo fato do encontro fugir do tradicional e se aproximar da realidade dos estudantes.

No último encontro, teve-se presente dois palestrantes representantes da comunidade transsexual, sendo eles uma mulher trans e um homem trans, nos quais relataram a realidade que viveram desde criança até o momento, mostrando as dificuldades e barreiras quebradas. Tal discurso deixou os estudantes empolgados e curiosos com o assunto, ficando além do tempo limite dentro da escola, demonstrando o quanto é de interesse dos alunos esse conteúdo, porque a partir dele se tem o conhecimento do que anteriormente se encontrava como um tabu ou até em forma de preconceito.

4. CONCLUSÕES

O projeto conseguiu alcançar com êxito o que foi proposto. Promoveu-se atividades dinâmicas e reflexivas dentro de sala de aula, havendo bastante interação dos alunos. O grupo sentiu-se realizado em conseguir aplicar um projeto com um tema desafiador como este, em uma escola pública e com um contexto político atual que não favorece a discussão da temática nas escolas e, ainda, obter um retorno tão positivo vindo dos alunos quanto do colégio pela realização do mesmo dar-se nela de forma tão bem sucedida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. Sexualidad, **Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro: CLAM/UERJ, n. 13 p. 69-82, abr. 2013.

BARREIRO, L.; TEIXEIRA-FILHO, F. S.; VIEIRA, P. M. Corpo afeto e sexualidade: uma experiência da abordagem das sexualidades a partir das artes. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis: UNESP, v. 5, n. 1, p. 13-27, 2006.

BRASIL. Secretaria de educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTRO, M. G.; Abramoway, M.; Silva, L. B. Juventude e sexualidade. Brasília, DF: FONTES, M. Ilustrações do silêncio e da negação: a ausência de imagens da diversidade sexual em livros didáticos. **Psicologia Política**, São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia Política, V. 8, n. 16, p. 363-378, jul./dez. 2008.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: Louro, G. L.; NECKEL, J. F.; VIODRE, S. (Orgs.). **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 66-81.

GAGLIOTTO, G. M.; LEMBECK, T. Sexualidade e adolescência: a educação sexual numa perspectiva emancipatória. **Educere et Educare – Revista de Educação**, v. 6, n. 11, p. 1-18, 2011.

JESUS, J. G. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Revista aplicada**, Brasília, 2012.

MACHADO, M. F. A. S. et al. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS; uma revisão conceitual. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 335-342, 2007.

PEREIRA, Z., & MONTEIRO, S.. GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO BRASIL: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA RECENTE. **Revista Contexto & Educação**, 30(95), 2015 p. 117-146.

QUIRINO, G. S.; ROCHA, J. B. T. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, Curitiba: UFP, n. 43, p. 204-225, jan./mar. 2012.